

ARTÍCULO


Um estudo sobre causalidade psíquica e motivação em Edith Stein como compreensão da liberdade humana na busca do sentido da vida

A study on psychic causality and motivation in Edith Stein as an understanding of human freedom in the search for the meaning of life

Lucas Oliveira Mendes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, BRASIL

lucasmendesfilo@outlook.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5234-3123>

Resumen: El presente estudio analiza trabajos de Edith Stein, centrándose en la relación entre los conceptos “causalidad psíquica” y “motivación” en el proceso libre de búsqueda y realización del sentido de la vida. Describe cómo los estados psíquicos vitales se manifiesta en la conciencia y se dividen en dos niveles: emociones y sentimientos vitales. Estos estados funcionan como un *continuum*, influenciado por la fuerza vital, el vínculo entre experiencias. Las causalidades, aunque no absolutas, son probables y pueden motivar tanto la restauración como el vaciamiento de la fuerza vital, impactando la experiencia subjetiva del individuo que siempre está dotado de libertad. La conciencia, al capturar y distinguir sus experiencias, mejora la capacidad de reconocer formas de buscar y dar sentido a la vida. Por lo tanto, se hizo una integración con los trabajos de Viktor Frankl desde la perspectiva de la Logoterapia. Así, el vacío existencial muchas veces se atribuye a la desconexión con las experiencias y a la falta de captación de las motivaciones que revitalizan la fuerza vital, lo que puede resultar en estados patológicos, como la depresión, que oscurecen la percepción del significado existencial. El presente estudio demuestra que cuando la conciencia capta y distingue sus experiencias, hace al individuo más capaz de reconocer en sí mismo y en el mundo formas de buscar y encontrar sentido a la vida.

Palabras clave: causalidad psíquica; motivación; sentido de la vida; libertad; sufrimiento; Edith Stein; Viktor Frankl.

Abstract: This study analyzes the works of Edith Stein, focusing on the relationship between the concepts of “psychic causality” and “motivation” in the free process of searching for and realizing the meaning of life. It describes how vital psychic states manifest in consciousness and are divided into two levels: emotions and vital feelings. These states function as a *continuum*, influenced by the vital force, the link between experiences. Causalities, although not absolute, are probable and can motivate both the restoration and the emptying of the vital force,



impacting the subjective experience of the individual who is always endowed with freedom. Consciousness, by capturing and distinguishing its experiences, improves the ability to recognize ways of searching for and giving meaning to life. Therefore, an integration with the works of Viktor Frankl was made from the perspective of Logotherapy. Thus, existential emptiness is often attributed to disconnection from experiences and a lack of understanding of the motivations that revitalize the vital force, which can result in pathological states, such as depression, that obscure the perception of existential meaning. The present study demonstrates that when consciousness captures and distinguishes its experiences, it makes the individual more capable of recognizing in himself and in the world ways of seeking and finding meaning in life.

Keywords: psychic causality; motivation; meaning of life; freedom; suffering; Edith Stein; Viktor Frankl.

Recibido: 30 de julio de 2024 / **Aceptado:** 15 de octubre de 2024



1. INTRODUÇÃO

Uma das questões mais importantes da contemporaneidade é, sem sombra de dúvidas, o tema do sentido da vida. Se é possível viver uma vida plena de sentido, se há sentido na vida, mesmo em meio aos maiores sofrimentos que são, diariamente, vivenciados por toda pessoa humana. Ademais, dois temas que foram profundamente desenvolvidos fenomenologicamente por Edith Stein, *causalidade psíquica* e *motivação*¹, ajudam a Filosofia e a Psicologia a responder questões postas em torno de tal objeto, mas também oferecem um caminho de rigorosas investigações e conhecimento dos fluxos das vivências humanas que devem ser analisadas como canal de busca e realização de sentido. Em um momento em que a Psicologia vê-se cercada por influências positivistas, científicas e materialistas, que colocam a questão da liberdade humana, desde os séculos XIX e XX, num verdadeiro campo cético e limitado de visão de mundo e pessoa, não pode-se negar que nos dias atuais o ser humano tem sido encerrado em diversos determinismos que desvirtua sua liberdade e a clareza de suas motivações. Foi nesse sentido que Stein se referiu a essa ciência como uma «psicologia sem alma»²:

Tarde ou cedo, estas ciências se encontrarão totalmente desamparadas e ignoraram seu objetivo. Então não haverá mais que uma saída salvadora: voltar aos princípios básicos, examinar o método empregado até então e os resultados obtidos em relação com os princípios básicos. Assim a grande mudança que teve a psicologia desde o princípio do século era inevitável em razão do surpreendente salto mortal com a qual a psicologia do século XIX havia saltado sobre a noção de alma³.

E como comentário complementar a citação acima, continua Stein na nota 29:

É surpreendente ver o que nos tem restado do campo da alma desde que a *psicologia* dos tempos modernos começou a abrir-se um caminho independente das considerações religiosas e

¹ Edith Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu - Estudio Primero Causalidad Psíquica», em *Obras Completas*, vol. II, *Escritos Filosóficos - Etapa Fenomenológica*, dir. por Francisco Javier Sancho y Julián Urkiza (Burgos-Madrid-Vitoria: Editorial Monte Carmelo-Espiritualidad-El Carmen, 2005), 217-342.

² Edith Stein, *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del Ser*, trad. por A. P. Monroy (México: Fondo de Cultura Económica, 1994), 37: «psicología sin alma».

³ Stein, *Ser Finito y Ser Eterno...*, 37.

teológicas: o resultado disto foi uma psicologia sem alma. [...] O redescobrimento do espírito, e os esforços por alcançar uma verdadeira ciência do espírito, certamente constituem as mais importantes mudanças realizadas no campo científico⁴.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo revisitar o percurso intelectual de Edith Stein, no que diz respeito à constituição do objeto psíquico e o ser espiritual na constituição da pessoa Humana⁵, especificamente, encontra-se na análise da *causalidade psíquica* e nas implicações decorrentes dessas definições para as discussões epistemológicas na psicologia contemporânea, bem como em sua *práxis*. Essa investigação visa erigir uma compreensão de status científico para a Psicologia e sua relação com a Fenomenologia. Acerca do método adotado foi utilizada uma abordagem qualitativa teórico-bibliográfica, que conforme Lima & Mioto⁶, envolve várias etapas; tais quais: (I) elaboração do projeto de pesquisa a partir do esclarecimento do método escolhido; (II) levantamento e coleta das bibliografias primárias e secundárias relevantes para investigar os temas centrais e relativos ao artigo: *causalidade psíquica*, *motivação* e *sentido da vida*; (III) análise explicativa das objeções e soluções, com exame crítico dos dados e informações contidas no material selecionado; e (IV) síntese integradora, resultante da reflexão e análise dos documentos. Desse modo, fica explícito o método de pesquisa e o modo como os procedimentos foram bem definidos, delimitados e aplicados para o desenvolvimento deste trabalho.

Edith Stein dedicou-se profundamente à compreensão da estrutura da pessoa humana e desenvolveu uma fenomenologia que emergiu de uma preocupação filosófica e histórica. Estudos acerca desse tema já eram elaborados desde 1917, em sua tese doutoral sobre a Empatia (*Zum Problem der Einfühlung*), entretanto, é em 1932 que de maneira analítica-filosófica a obra «A Estrutura da Pessoa Humana» (*Der Aufbau der menschlichen person*) explicita a visão integral de Stein sobre a constituição da pessoa humana. A tese central reside na compreensão da formação humana. Stein, percebeu a ausência de definições suficientes e seguras que pudessem elucidar a natureza do ser humano, especialmente no contexto de sua formação. A pergunta fundamental é: o que significa ser «humano» e ser uma «pessoa»? A busca por respostas a essa indagação é

⁴ Ibid.

⁵ Edith Stein, *La Estructura de la Persona Humana* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002a).

⁶ T. C. Lima y R. C. Mioto, «Procedimientos metodológicos en la construcción del conocimiento científico: la investigación bibliográfica», *Katál* 10 (2007): 37-45.

essencial para compreender o processo não apenas a constituição humana, mas suas vivências particulares e essenciais⁷.

No exercício filosófico, sendo orientada pelo método fenomenológico, Stein apresentou uma compreensão da subjetividade a partir das dimensões corpórea e anímica. Sendo a primeira e mais evidente compreendida como corpo vivo «*Leib*», ou seja, um corpo que é um organismo, possuidor de movimento e vida própria, distinto do corpo físico «*Körper*» que é matéria pura:

Com a vinculação do corpo físico vivo a um sujeito ou a uma consciência individual, já se efetuam aquelas peculiaridades que o caracterizam como corpo vivo. Essa vinculação significa muito mais que uma inseparabilidade espacial. O corpo vivo, independentemente de suas qualidades sensíveis, possui uma qualidade que, enquanto tal, ocupa toda sua extensão, mas que não se acha em nenhuma mera coisa espacial: a impressionabilidade, a capacidade de ser portador de sensações atuais ou – como preferimos dizer, distinguindo-las das sensações não localizadas em modo corpóreo como os dados da vida e do ouvido – sensações⁸.

A segunda, por sua vez, abarca as dimensões psíquica e espiritual, ambas constituintes da alma humana⁹. Estas definições levam ao conceito de subjetividade, que constitui um tema central e de suma relevância à psicologia dos dias atuais, que têm se voltado cada vez mais a considerar a pessoa humana como ser reduzido aos processos cognitivos/neurais, em uma diversidade crescente de definições, sem, contudo, aprofundar o significado desses conceitos. Uma das finalidades da filosofia, segundo Stein¹⁰, é justamente clarear para as ciências aquilo que as mesmas já têm implícito em suas bases teóricas, o que justifica a importância que possui esses estudos para a epistemologia psicológica. Sendo assim, para passar às descrições das seguintes dimensões e relacioná-las à causalidade psíquica, motivação e, por fim, ao sentido da vida, as obras mais estudadas serão: «Contribuições para a fundação filosófica da psicologia e das ciências do espírito» (*Psychische Kausalität. In: Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*, 1922), «Sobre o Problema da Empatia» (*Zum Problem der Einfühlung*, 1917),

⁷ Lucas Oliveira Mendes, *Uma fenomenologia do sofrimento espiritual: contribuições da antropologia fenomenológica de Edith Stein* (Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2024).

⁸ Edith Stein, «Introducción a la Filosofía», en *Obras completas*, vol. II, *Escritos Filosóficos - Etapa Fenomenológica*, dir. por Francisco Javier Sancho y Julián Urkiza (Burgos-Madrid-Vitoria: Editorial Monte Carmelo-Espiritualidad-El Carmen, 2005), 790.

⁹ Stein, *La Estructura de la Persona Humana*; Stein, *Ser Finito y Ser Eterno*.

¹⁰ Stein, «Introducción a la Filosofía».

«Ato e potência» (*Potenz und Akt*, 1931) e a obra «Estrutura da Pessoa Humana» (*Der Aufbau der menschlichen person*, 1932).

2. CAUSALIDADE PSÍQUICA E MOTIVAÇÃO

Uma vez que o presente trabalho pretende se dedicar exclusivamente à compreensão da causalidade psíquica e da motivação, haverá um maior aprofundamento na compreensão das dimensões psíquica e espiritual, na vida mesma da alma humana, com a identificação de suas vivências particulares. No âmbito filosófico, Bello explora a descrição das esferas humanas por meio da análise dos atos e das experiências vividas¹¹. Essa abordagem exige uma revisão da definição convencional reducionista de que o homem é composto apenas de corpo e alma, ao que deve-se considerar a possibilidade de que ele seja muito mais do que isso, sem encerrar-se numa resposta que queira explicar seus resultados a partir da expressão «nada mais que»¹², pois o ser humano pode ser sempre «além de» qualquer reducionismo, sempre está disposto a transcender a si e as situações impostas, cuja única possibilidade é que ele «mude a si mesmo»¹³, como, por exemplo, frente a um sofrimento inevitável. Em seus escritos preparatórios para uma homenagem a Edmund Husserl, Stein aprofundou suas investigações sobre a natureza da experiência humana, dedicando-se a um estudo sistemático da causalidade psíquica e aborda questões fundamentais como motivação, tomada de decisão, liberdade, instinto e tendências, na busca de compreender as dinâmicas subjacentes às vivências psíquicas do ser humano¹⁴. Cabe aqui indicar que a filósofa retrata este momento a Roman Ingarden em carta¹⁵.

Ao adentrar o campo da esfera psíquica, vê-se que ela abarca as vivências da corporeidade, promovendo uma conexão entre o «externo» e o «interno» no humano, ou seja, a

¹¹ Ángela Ales Bello, «Causality and Motivation in Edith Stein», en *Causality and Motivation* (New York: University Bobst Library, 2010), 135–149. <https://doi.org/10.1515/9783110329575.135>.

¹² Viktor E. Frankl, *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*, trad. por Renato Bittencourt e Karleno Bocarro (São Paulo: É Realizações, 2019); *Ibid.*, *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver* (São Paulo: É Realizações, 2015).

¹³ Viktor E. Frankl, *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (Rio de Janeiro: Vozes, 2019).

¹⁴ Lucas Oliveira Mendes, *Uma fenomenologia do sofrimento espiritual*.

¹⁵ Edith Stein, «Cartas: Año 1919», en *Obras Completas*, vol. I, *Escritos Autobiográficos y Cartas*, dir. por Francisco Javier Sancho y Julián Urkiza (Burgos-Madrid-Vitoria: Editorial Monte Carmelo-Espiritualidad-El Carmen, 2002b), 681: «Entretanto, mi colaboración para el homenaje ha aumentado de tal manera que he preparado un segundo ensayo sobre Individuo y comunidad (resultado de mi actividad política. que tuvo completamente absorbida varios meses); los dos juntos, bajo el título Contribuciones para la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu, deben servirme como trabajo de concurso a cátedra».

experiências das sensações, dos desejos, dos fluxos das vivências que são compreendidas a partir da análise da dimensão psicofísica, da «[...] forma vital, que faz do corpo um organismo vivo»¹⁶. Em outras palavras, a vida psíquica é uma manifestação complexa que resulta na identificação de dois níveis de vida: a vida sensível e a vida espiritual. A esfera sensível é plenamente psicofísica, ou seja, obtém relação com as percepções, emoções e experiências físicas, que incluem a dor, o prazer, a alegria, a tristeza, entre outras, enquanto o nível da vida espiritual é puramente anímica, que envolvem a intencionalidade, a vontade e a essência do ser humano, quer dizer, os aspectos mais profundos e constituintes do ser pessoa, nessa esfera habitam a capacidade de refletir, tomar decisões, buscar e realizar sentido. Por esse viés, ainda há a interação entre esses graus de vida na dimensão psíquica, como demonstra o seguinte exemplo: ver (percepção, vivência sensível) uma pessoa amada (valor, vivência espiritual) em um estado de doença terminal pode gerar muita angústia (resposta emocional, vivência psíquica) e, ainda, influenciar as tomadas de posição (resposta intencional, vivência espiritual) a partir do momento que tais vivências ocorreram¹⁷. Essa perspectiva implica que a experiência humana não pode ser completamente compreendida apenas por meio de métodos empíricos, positivistas e cientificistas, que tendem a focar em aspectos mensuráveis e observáveis¹⁸.

Sustentando os apontamentos acima, seguem-se as palavras de Stein:

A vida ingênuo-natural da alma é um jogo de intercâmbio constante entre impressões e reações. A alma recebe impressões de fora, do mundo, onde está o sujeito dessa vida, com as quais o sujeito se contrapõe e acolhe como objeto com o espírito. Ela é movida por essas impressões, e através disso desencadeiam-se posicionamentos frente ao mundo: medo ou espanto, admiração ou desprezo, amor ou ódio, temor ou esperança, alegria ou tristeza etc. mas também querer e agir. [...] Mas a partir de um posto mais profundo pode-se designar toda essa engrenagem do posicionamento natural como passivo. E igualmente como não-livre, pois falta a todos esses movimentos a encenação a partir de um centro interior último. O sujeito anímico é trazido para

¹⁶ Stein, *La Estructura de la Persona Humana*, 45.

¹⁷ Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...»; Edith Stein, «Sobre el problema de la empatía», em *Obras Completas*, vol. II, *Escritos Filosóficos: Etapa fenomenológica*, dir. por Francisco Javier Sancho y Julián Urkiza (Burgos-Madrid-Vitoria: Editorial Monte Carmelo-Espiritualidad-El Carmen, 2005); Edith Stein, «Acto y Potencia: Estudios sobre una Filosofía del Ser», em *Obras Completas*, vol. III, *Escritos Filosóficos: Etapa del Pensamiento Cristiano*, dir. por Francisco Javier Sancho y Julián Urkiza (Burgos-Madrid-Vitoria: Editorial Monte Carmelo-Espiritualidad-El Carmen, 2007), 225–538.

¹⁸ Gabriel Fonseca Resende y Tommy Akira Goto, «Crise nas Ciências e na Psicologia: Críticas de Edmund Husserl e de Farias Brito», *Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti* 13, n.º 23 (2023): 191–218.

dentro a partir de fora e nisso não tem controle de si. Essas duas coisas– ter controle de si e encenar por si mesmo seus movimentos caracteriza atividade e liberdade num sentido pregnante. – A atividade passiva, a reação como forma básica, caracteriza o nível animal da vida anímica. (Com isso, não se exclui que certos posicionamentos que podem penetrar nessa forma básica, de princípio, não sejam realizáveis dentro da vida anímica animal)¹⁹.

A fenomenologia de Edith Stein oferece uma análise aprofundada da estrutura da alma humana. A autora destaca a natureza da alma, caracterizada por uma unidade intrínseca e uma abertura para o mundo²⁰. Essa abertura, segundo Stein, está em consonância com a compreensão husserliana do mundo como um conjunto de objetos intencionais, conforme apresentado em *Ideias I*:

Este mundo, além disso, não está para mim aí como um mero mundo de coisas, mas, em igual imediatez, como mundo de valores, como mundo de bens, como mundo prático. Descubro, sem maiores dificuldades, que as coisas à minha frente estão dotadas tanto de propriedades materiais como de caracteres de valor, eu as acho belas ou feias, prazerosas ou desprezíveis, agradáveis ou desagradáveis etc²¹.

A partir de então, fica esclarecido que a vida psíquica é condicionada pela vida sensível, uma vez que a correlação de sujeito e objeto é necessária para o fluxo das vivências psíquicas. O conceito de «fluxo das vivências psíquicas» refere-se à maneira como as experiências e estados psíquicos se desenrolam e se interconectam na vida psíquica de um indivíduo. Esse fluxo é uma parte central da análise fenomenológica, que muito deve interessar à Psicologia, para que o reducionismo e a fragmentação da compreensão do sujeito e de suas demandas nunca sejam tomadas de modo isolado, mas como um todo. Toda vivência está sempre inserida dentro de um *continuum*²². Disto isto, vale ressaltar que o termo «condicionada» sugere que nenhuma dimensão humana é totalmente autônoma, quer dizer, elas são moldadas pelas experiências correlatas: a experiência psíquica é condicionada (influenciada) pelas reações psíquicas, imediatas

¹⁹ Edith Stein, «Natureza, liberdade e graça», *Revista Filosófica São Boa Ventura* 9, n.º 2 (2015): 119-120.

²⁰ Stein, *Ser Finito y Ser Eterno*; Stein, *La Estructura de la Persona Humana*; Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...»; Stein, «Sobre el problema de la empatía».

²¹ Edmund Husserl, *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica* (Aparecida: Ideias & Letras, 2006), 75.

²² Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...».

e não livres, enquanto os modos de vida que brotam da dimensão espiritual também são condicionadas (influenciadas) por toda as vivências que são geradas pelas dimensões sensível e psíquica²³.

As vivências psíquicas são caracterizadas por qualidades e intensidades variadas. Por exemplo, uma emoção pode ser vivida de forma intensa ou suave, e essa intensidade pode influenciar a maneira como a experiência é percebida e interpretada. A intensidade refere-se ao grau de força ou profundidade com que uma emoção é sentida e essa variação na intensidade pode afetar como a emoção é experimentada e como ela influencia o comportamento e a tomada de decisões subsequentes. Stein argumenta que a vida psíquica é um *continuum* qualitativo, o que significa que as vivências não são apenas eventos isolados, mas parte de um fluxo contínuo de experiências que se interconectam, onde as diferenças de intensidade desempenham um papel crucial na experiência subjetiva que é sempre multifacetada, cujo modo como cada indivíduo percebe e interpreta suas vivências são únicos e é justificado pela observação de pessoas diferentes que vivenciam experiências idênticas, mas são capazes de responder de modo distinto.

Contudo, tal capacidade de resposta, de tomada de decisão foge do psiquismo, uma vez que ele é sempre passivo e geram vivências não livres em si mesmas, por isso são sempre respostas, reflexos, até mesmo instintos²⁴. Segundo Stein²⁵, a causalidade psíquica é limitada e não pode explicar completamente a complexidade da vida psíquica humana. Ela sugere que o estado psíquico de uma pessoa não é apenas o resultado de suas experiências passadas ou circunstâncias atuais, mas também é influenciado por um núcleo (*Kern*) de personalidade que não é meramente um produto do determinismo psicofísico, mas o cerne da vida espiritual, «a alma da alma».

Para além das emoções que surgem no fluxo das vivências psíquicas, quando o ser humano torna-se consciente delas, abre-se aos sentimentos vitais que são ligados à motivação, ou seja, são a abertura para perceber o sentido de cada vivência como será melhor desenvolvido a seguir. É preciso esclarecer desde já que tais sentidos devem alcançar a consciência para que se tornem vivência: «semelhante estado, que não se sente, ‘que não chega à consciência’, não poderá

²³ Bello, «Causality and Motivation in Edith Stein».

²⁴ Stein, *La Estructura de la Persona Humana*.

²⁵ Stein, *Ser Finito y Ser Eterno*; Stein, *La Estructura de la Persona Humana*; Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...»; Stein, «Sobre el problema de la empatía»; Stein, «Natureza, liberdade e graça».

denominar-se um estado de consciência, ou seja, uma vivência»²⁶, já que «quando um sentimento vital chega à consciência, então não há que confundir esse conscientizar com o vivenciar de um conteúdo imanente ou com a consciência desse vivenciar, que é inerente a ele como constitutivo»²⁷.

Aprofundar o estudo sobre a relação entre a causalidade psíquica e motivação, bem como acerca da condição que a pessoa humana lida com o sofrimento e, ainda que diante dele, possa buscar e realizar sentido, encaminha-se uma busca mais detalhada da compreensão da dimensão espiritual humana, que se difere qualitativamente das dimensões anteriormente discutidas. O vínculo entre corpo, psique e espírito é forte e sugere que esses três elementos são interdependentes e essenciais para a compreensão do ser humano. Para recapitular e prosseguir: o corpo é a base física, a psique refere-se à vida uma parte da vida anímica, dependente e reativa, em relação à física, e o espírito está relacionado a aspectos mais elevados, como a razão, a moralidade e a intencionalidade, por isso a ausência de qualquer um desses elementos comprometeria a totalidade da experiência humana. Para seguir adiante com o presente estudo, é necessário sustentar o exercício fenomenológico da *epoché* para que a reflexão teórica ajude a encontrar uma perspectiva que reconheça a complexidade da possibilidade de viver uma vida com sentido, uma vez que as ciências humanas, como história, ciências sociais e direito, lidam com expressões individuais no sentido espiritual, mas atualmente pouco reconhecem essa verdade e como lidar com as experiências advindas de tal dimensão²⁸.

Por conseguinte, considerando todo exposto até aqui, a motivação deve ser tomada como atividade racional, descrita como constituição peculiar e fundamental da vida espiritual que emerge na consciência reflexiva do eu puro, o que significa que a capacidade de refletir e tomar decisões racionais está ligada à essa dimensão espiritual do ser humano como já indicado; essa reflexão teórica é vista como um nível mais elevado de atividade que vai além das reações emocionais ou sensoriais²⁹. A motivação é um processo ativo, onde o eu não é passivo, mas sim um agente que implica a tomada de decisões, se dirige a objetivos e aos cumprimentos de metas,

²⁶ Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...», 236: «Semejante estado, que no se siente, que "no llega a la conciencia", no puede ya denominarse, claro está, un estado de conciencia, una vivencia».

²⁷ Ibid.

²⁸ Edmund Husserl, *Filosofia como ciência de rigor*, trad. por A. Beau. (Coimbra: Atlântida, 1965); Tommy Akira Goto, *Introdução à Psicologia Fenomenológica* (São Paulo: Paulus, 2015).

²⁹ Stein, *Ser Finito y Ser Eterno*; Stein, *La Estructura de la Persona Humana*; Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...»; Stein, «Sobre el problema de la empatía»; Stein, «Natureza, liberdade e graça».

aspira sempre realizações conscientes e é o impulso fundamental para a busca, apreensão e realização de sentido, características que distingue a motivação da causalidade psíquica que está em relação com as pulsões que são reações não motivadas³⁰.

Stein argumenta que a motivação permite que o indivíduo tenha a capacidade de aceitar ou recusar determinadas vivências, levando à possibilidade de atos livres, que são aqueles em que o eu se comporta como senhor de sua vivência, exercendo sua liberdade de escolha:

Se a aceitação ou a rejeição de uma tomada de posição se realizam como vivências independentes, então temos atos livres no sentido genuíno: atos nos quais o eu não só vivencia, senão que se manifesta também como senhor de seu vivenciar. Sua peculiaridade consiste em que unicamente podem ser realizados em sentido genuíno (na forma do *cogito* segundo a terminologia de Husserl)³¹.

A distinção entre motivação e causalidade psíquica é fundamental para compreender a natureza da ação humana. Enquanto a causalidade psíquica busca explicar o comportamento como resultado de estímulos e processos psicológicos determinantes, a motivação enfatiza o papel da vontade e das escolhas conscientes. Stein³² contribui para esse debate ao defender que a liberdade não é mera ausência de causalidade, mas sim a capacidade de agir motivado por razões que são próprias do sujeito e que revelam a sua identidade, a realização da pessoa humana e única que se é.

Assim sendo, é necessário ficar claro que a motivação nunca força o sujeito a agir, do contrário, ela se abre sempre como possibilidade diante das experiências vividas, a tomada de posição, a escolha é sempre livre, podendo estar consciente dos motivos e ignorá-los. Um exemplo importante para este trabalho segue-se no seguinte plano: uma pessoa em profundo sofrimento, vê sua vida sem cor, cinza, suas vivências são apagadas e mergulhadas em uma diversidade de emoções disfuncionais que reforçam que não há motivos nesta vida para ser feliz, para buscar sentido, viver de modo autêntico, o que gera uma significativa diminuição da força vital. Contudo, diariamente, motivos diversos se apresentam como possibilidades a esta mesma pessoa, que através da decisão livre pode reavivar a força vital que fora diminuída anteriormente,

³⁰ Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...».

³¹ Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...», 264.

³² Stein, *Ser Finito y Ser Eterno*; Stein, *La Estructura de la Persona Humana*; Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...»; Stein, «Sobre el problema de la empatía»; Stein, «Natureza, liberdade e graça».

isso pode se dar a tomada de consciência e adesão a ela por ter a chance de acordar mais um dia, ter um lugar para habitar, algo para comer, uma paisagem para contemplar, até mesmo por ser possível buscar ser útil para algo ou alguém; um erro que não pode ocorrer é achar que tomar consciência da motivação e não tomar posição a partir dela seria como ela não mais existisse, do contrário, afirma Stein. Fica justificado que a motivação sempre estará presente na vida da pessoa humana, que pode ou não reconhecer e, mesmo reconhecendo, como dito anteriormente, poderá rejeitá-las:

O eu pode ter os motivos e reconhecê-los e, apesar de tudo, pode omitir os atos. Me consta, por exemplo, que com a segurança que dou ao enfermo de seu pronto restabelecimento, poderei levantar seu ânimo; que isso é algo que ele espera ouvir de mim, e eu quereria de boa vontade ajudá-lo. Existe, portanto, o motivo e, não obstante, deixo de dar-lhe tal segurança. É óbvio uma objeção: também a omissão requer um motivo, ou bem se apresentam motivos contrários à execução³³.

No processo de motivação é crucial compreender as seguintes significações: a motivação é impulsionada, por um ou mais motivos, inicialmente por um ato motivante, aquele estímulo que inicia o ciclo de motivação. Um ato motivante pode ser um evento, uma experiência ou uma interação que desperta a motivação em um indivíduo, é a força geral que leva à ação, sem determiná-la, enquanto o motivo é a razão específica cuja tomada de posição é conscientemente realizada, aquilo que deve ser conhecido como ato motivado. Sem um motivo claro, a motivação pode não se traduzir em ação. Por exemplo, uma pessoa pode estar motivada a estudar, mas se não tiver um motivo claro (como passar em um exame), pode não se engajar efetivamente no ato de estudar. Percebe-se, portanto, que a força vital é variável e dependente, até certo ponto, da causalidade psíquica, das emoções, ao passo que não é determinante e nem determinada, porém, a busca de sentido sofrerá implicações a depender do estado vital (feliz; triste; em luto; em comemorações...).

A relação causalidade psíquica e motivação evidencia um processo dinâmico que explica como as pessoas são impulsionadas a pensar, sentir e agir, vivências tais que influenciam diretamente no modo de compreender e viver a vida, lidar com o sofrimento e realizar sentido.

³³ Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...», 268.

Outro ponto crucial para que a relação dos conceitos estudados até aqui seja feita com a questão do sentido da vida, são os valores, vivências estritamente espirituais, só a pessoa humana possui a capacidade de valorar. Enquanto a motivação fornece a energia necessária para a ação, os valores influenciam os motivos, oferecem uma base ética ou emocional que justifica as tomadas de posição³⁴; o ato motivado, como abertura da visão espiritual, é capaz de fugir do certo determinismo causal-psíquico, é a ação resultante, que muitas vezes reflete os valores pessoais do indivíduo, esses desempenham papéis cruciais na formação do comportamento humano e na tomada de decisões, tornando-o capaz de autotranscender-se diante das tragédias da existência humana³⁵; de modo prático, vê-se que, por exemplo, uma pessoa em luto, em profundo sofrimento, é capaz de direcionar-se a outra pessoa, também em sofrimento, e ajudá-la, acolhê-la (tomar posição a partir do princípio da empatia como valor):

A motivação, entendida em nosso sentido geral, é a vinculação que conecta os atos uns com os outros: não se trata de uma mera fusão, como a corrente da vivência, que transcorrem simultânea ou sucessivamente, ou como o enlaçamento associativo das vivências, mas é um proceder de um partindo do outro, por razão do outro³⁶.

É possível que o campo psíquico esteja vazio de força vital, mas motivado pela busca do sentido, ao encontrá-lo, a visão espiritual é capaz de renovar tal estado vital. Esse é o lugar da reflexão por excelência. Em Stein, é a ferramenta principal para a busca e encontro de sentido.

3. VALORES E SENTIDO DA VIDA

A relação entre motivação, valores e o sentido da vida é fundamental na obra de Edith Stein, que enfatiza os motivos como conteúdos de sentido, capazes de desempenhar um papel crucial na emergência das emoções e ações. Stein argumenta que a apreensão de um valor vinculado a um objeto suscita sentimentos que, por sua vez, geram reações e atitudes, formando uma conexão entre a esfera psíquica e a motivação para uma tomada de posição. Essa dinâmica é

³⁴ Stein, «Acto y Potencia»; Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...».

³⁵ Frankl, *Em busca de sentido*. Frankl não utiliza o conceito “motivação, mas “razão” no uso do termo “razão pela qual”, que no presente estudo demonstrou-se ser possível ser analisado e compreendido dentro dos moldes fenomenológicos da “motivação” steiniana.

³⁶ Stein, «Contribuciones a la Fundamentación Filosófica...», 253.

condicionada pela disponibilidade da força vital, que influencia a intensidade das reações emocionais, bem como a capacidade de agir, decidindo-se não reagir conforme o impulso originado. Assim, os valores não apenas orientam as ações, mas também conferem um sentido à vida, pois a busca consciente e a vivência de valores significativos pode revitalizar o ânimo, restaurar a força vital, as cores da vida como diversas vezes exemplificou Stein; enquanto a falta de conexão com esses valores pode levar a estados de esgotamento e desmotivação, motivando um aprofundamento maior do sofrimento³⁷.

Nesse ponto do estudo, haverá de se recorrer, em alguns momentos, aos resultados do psiquiatra vienense, fundador da Logoterapia e Análise Existencial, Viktor Emil Frankl³⁸, que desenvolveu uma teoria voltada ao sentido absoluto da existência humana como fonte de realização humana mesmo em meio aos mais intrínsecos sofrimentos, tais quais ele mesmo experimentou *in vita* nos campos de concentração durante o período da segunda guerra mundial. Frankl, assim como Stein, fora muito influenciado pela filosofia dos valores de Max Scheler³⁹, sobretudo no que diz respeito à natureza e hierarquia dos valores. Estes últimos são objetivos, independente da subjetividade humana, eles estão dados no mundo da vida «*Lebenswelt*» para serem vivenciados, tal perspectiva se contrapõe ao subjetivismo valorativo, que reduz os valores a meras projeções subjetivas/psíquicas; fenomenologicamente, eles são acessíveis à intuição humana e a percepção deles, ainda que possa acontecer, originariamente, na esfera psíquica, deve ser conscientizada, para que de fato se torne valor à pessoa que o capta, pela dimensão espiritual:

Assim mesmo, com cada ato de empatia em sentido literal, isto é, com cada apreensão de um ato sentimental, já temos penetrado no reino do espírito. Pois assim como nos atos de percepção se constitui a natureza física, assim se constitui um novo reino de objetos no sentimento: o mundo dos valores. Na alegria tem o sujeito frente a si algo gozoso, no temor, algo temível, no medo algo ameaçador. Os mesmos estados de ânimo tem seu correlato objetivo: para os serenos, o mundo está imerso em rosados resplendores, para os aflitos em gris sobre gris⁴⁰.

³⁷ Stein, «Sobre el problema de la empatía».

³⁸ Viktor Emil Frankl (Viena, 26 de março de 1905 — Viena, 2 de setembro de 1997) foi um neuropsiquiatra austríaco e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial.

³⁹ Max Scheler (22 de agosto de 1874, Munique – 19 de maio de 1928, Frankfurt am Main) foi um filósofo alemão, conhecido por seu trabalho sobre fenomenologia, ética e antropologia filosófica, bem como por sua contribuição à filosofia dos valores.

⁴⁰ Stein, «Sobre el Problema de la Empatía», 174.

Frankl inúmeras vezes retomava a ideia de Nietzsche: «para quem tem um porquê supera quase todo como»⁴¹. Aqui, a motivação aponta o «porquê» escolher, aponta o sentido que deve alcançar a consciência. É o «sim» diário à vida!

Ressalta-se ainda que tanto em Stein como em Frankl, a influência de Scheler também se manifesta na concepção da consciência como caráter fundamental para reconhecer e realizar valores. Desse modo, o médico vienense denominou a consciência de «o órgão do sentido», aquele que é capaz de objetivamente captar os valores⁴².

Entende-se a importância de clarificar como Scheler dá elementos à Stein para a composição de sua filosofia: no conceito de Empatia (*Einfühlung*), Stein desenvolveu sua teoria em profundo diálogo com as ideias de Scheler com base na noção de que a empatia é um ato de conhecimento que permite a compreensão das vivências alheias, algo que Scheler também abordou em sua filosofia da simpatia. Na compreensão de intencionalidade ambos os filósofos utilizam a noção fenomenológica, onde os atos da consciência estão sempre direcionados a algo. Stein, ao explorar a empatia, enfatiza a intencionalidade como um meio de se conectar com a experiência do outro, refletindo a influência de Scheler. Não obstante, no que diz respeito ao valor da pessoa humana, Scheler introduziu a ideia de que a pessoa é o centro dos atos intencionais, o que impactou a forma como Stein aborda a dignidade e a integralidade do ser humano, que possui em seu núcleo (*Kern*) pessoal o ponto originário do direcionar-se à. Para Stein, o cuidado ético deve reconhecer a pluralidade e a singularidade de cada pessoa, um conceito que ressoa com a ética de valores de Scheler. Ainda, quanto à corporalidade e intersubjetividade, Stein enfatiza a importância da primeira na experiência empática (ou entropática, como considera Bello)⁴³, um aspecto que também é relevante na obra de Scheler, enquanto a última, é um tema que ambos exploram, destacando a importância da conexão humana na compreensão do outro e para a vivência dos valores⁴⁴.

⁴¹ Frankl, *Em busca de sentido*.

⁴² Viktor E. Frankl y Pinchas Lapide, *A busca de Deus e questionamento sobre o sentido: um diálogo*, 2. a ed. (Rio de Janeiro: Vozes, 2014); Frankl, *O sofrimento humano*.

⁴³ Ângela Ales Bello, *Introdução à fenomenologia*, trad. por Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud (Bauru: Edusc, 2006).

⁴⁴ Silvestre Grzibowski y Rudimar Barea, «Empatia e ética na fenomenologia de Edith Stein», *Ágora Filosófica [Internet]* 15, n.º 1 (2015): 34-46. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/714/56>; Elio Constantini y Erika S. Constantini, «Notiziebibliografiche e Introduzioni», en *Il problema dell'Empatia*, de Edith Stein (Roma: Edizioni Studium, 2003), 12-59; Max Scheler, *Essencia y formas de la simpatia*, trad. por José Gaos (Buenos Aires: Ed. LOSADA, S. A., 1957); Max Scheler, *Le formalisme en éthique et l'éthique material e desvaleurs* (Paris: Gallimard, 1955); Max Scheler, *Nature et formes de la sympathie* (Paris: Payot, 1950).

Edith Stein, em sua abordagem fenomenológica, desenvolveu o tema dos valores de maneira intrínseca à sua análise da empatia e das relações intersubjetivas e a partir das obras de Edmund Husserl⁴⁵, Stein buscou compreender a essência da experiência humana, enfatizando a importância da vivência compartilhada na constituição dos valores. A fenomenologia, como método, permitiu que ela realizasse a investigação das estruturas da consciência e das experiências vividas, o que é fundamental para a compreensão dos valores, desde a captação até a realização. Daqui argumenta-se que os valores não são meras abstrações, mas emergem das interações dos indivíduos entre si e o mundo, o que os tornam acessíveis e significativos. Sendo assim, são pelos valores que o sentido da vida pode ser realizado, concretizado pela pessoa humana, além desse sentido ser capaz de restabelecer a força vital, torná-la preenchida de motivações para suportar os sofrimentos e as vivências negativas que assolam a vida humana⁴⁶.

Além disso, Stein também distingue entre valores pessoais e valores comunitários ao ressaltar que a vivência da empatia permite uma troca recíproca de experiências e valores de cada um. Essa troca é crucial para a dignidade da existência humana, pois possibilita que os indivíduos reconheçam à pessoa humana que há no outro e valorize suas experiências e perspectivas. Ademais, a reflexão de Stein sobre os valores é marcada por uma busca pela essência (objetivo próprio da fenomenologia), onde ela se propõe a investigar não apenas o que são os valores, mas como eles se manifestam nas relações intersubjetivas. Essa investigação revela a complexidade dos valores, que são dinâmicos e contextuais, moldados pelas experiências compartilhadas e pela empatia⁴⁷.

A busca pelo sentido da vida está entrelaçada com a motivação e os valores que um indivíduo capta, internaliza e realiza, tomando posição consciente. Assim, os motivos que orientam as ações de um sujeito são, portanto, resultados daquela série de vivências psicofísicas

⁴⁵ Edmund Husserl, *Investigaciones Lógicas*, vol. 2, trad. por M. G. Morente e J. Gaos (Madrid: Alianza Editorial, 1982). Nesta obra, Husserl aborda a natureza da experiência e da consciência, estabelecendo as bases para a fenomenologia. Stein se apropriou dessas discussões para explorar como os valores são percebidos e experienciados na consciência; Edmund Husserl, *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica* (Aparecida: Ideias & Letras, 2006). Este texto é fundamental para a compreensão da fenomenologia husserliana e discute a intencionalidade da consciência, que é central para a análise de Stein sobre como os valores são intencionalmente direcionados e experienciados nas relações intersubjetivas; Edmund Husserl, *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*, trad. por P. M. Alves (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012). Nesta obra, Husserl examina a crise da razão e a necessidade de uma fundamentação filosófica que retorne às experiências vividas. Stein utilizou essas reflexões para articular a importância dos valores na vida humana e na constituição da comunidade.

⁴⁶ Stein, «Sobre el problema de la empatía».

⁴⁷ Ibid.

e espirituais, dentro de um fluxo *continuum*, que se articulam de maneira intrínseca com sua percepção do sentido da vida. Para a motivação tornar-se tomada de posição, quer dizer, ação, ela deve ser mediada por valores que não apenas orientam a conduta, mas também conferem significado às experiências vividas. Como já dito, os valores emergem da esfera espiritual, segundo Stein «[...]a consciência como correlato do mundo de objetos não é a natureza, mas o espírito»⁴⁸ são cruciais na configuração de um sentido pessoal da vida, pois permitem ao indivíduo transcender a mera existência e buscar uma realização que ressoe com sua essência. Tais resultados confirmam que a compreensão do sentido da vida não é apenas uma questão de reflexão teórica, mas uma prática vivencial que se manifesta na dinâmica da intensidade da força vital entre o agir motivado e os valores que sustentam esse agir.

Um valor que deve ser colocado como possibilidade sempre será o sacrifício. Diante de um profundo sofrimento, quando não se pode evitá-lo de maneira alguma, o indivíduo é convidado a sacrificar-se, oferecer em sacrifício por um valor maior, seja uma pessoa ou algo que se ama, seja na experiência da crença em um ser transcendental, há também possibilidade de dar sentido à vida nessa perspectiva. Ao buscar esse viés em Stein, encontrou-se concordância nas seguintes palavras da filósofa quando afirma: «Atribuimos força anímica a quem é capaz de sacrificar-se, de suportar um enorme sofrimento ou de experimentar uma grande alegria sem ser sacudido no mais íntimo extrato de sua personalidade. Sacrificar-se quer dizer entregar algo muito querido»⁴⁹. Até para sacrificar-se é necessária uma abertura da pessoa ao valor que há no sacrifício, é um processo ativo que requer uma disposição não apenas física e/ou psíquica, mas, sobretudo, espiritual onde a subjetividade do indivíduo se dispõe pela intencionalidade com a objetividade dos valores. Em Frankl, vê-se o seguinte exemplo:

Certa vez um clínico geral de mais idade veio consultar-me por causa de uma depressão muito profunda. Ele não conseguia superar a perda de sua mulher, que falecera fazia dois anos e a qual ele amara acima de tudo. Bem, como poderia eu ajudá-lo? Que poderia lhe dizer? Abstive-me de lhe dizer qualquer coisa e, ao invés, confrontei-o com a pergunta: "Que teria acontecido, doutor, se o senhor tivesse falecido primeiro e sua esposa tivesse que lhe sobreviver?" - "Ah," disse ele, "isso teria sido terrível para ela; ela teria sofrido muito!" Ao que retruquei: "Veja bem, doutor, ela foi poupada deste sofrimento e foi o senhor que a poupou dele; mas agora o senhor precisa

⁴⁸ Ibid., 173.

⁴⁹ Stein, *La Estructura de la Persona Humana*, 156.

pagar por isso sobrevivendo a ela e chorando a sua morte." Ele não disse uma palavra, apertou a minha mão e calmamente deixou meu consultório. Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício⁵⁰

Stein enfatiza que a valoração subjetiva é um aspecto fundamental na apreensão dos valores, mas essa valoração deve ser orientada pela razão, que avalia a correção e a hierarquia dos valores. A estrutura hierárquica dos valores, conforme discutido por Stein, sugere que alguns valores possuem uma elevação que os torna mais significativos na formação da identidade e na busca pelo sentido. Assim, a vida afetiva, longe de ser caótica, deve ser organizada por uma racionalidade que permite ao indivíduo discernir e priorizar os valores que melhor podem responder ao que a vida pede em determinado momento. Não seria errado dizer: para cada momento um valor, para cada valor um sentido. A realização do sentido da vida, portanto, está intrinsecamente ligada à capacidade do indivíduo de se abrir aos valores que o transcendem, uma vez que a pessoa humana, como ser espiritual, é naturalmente inclinada a buscar o que está além de si mesma, seja pela relação com outros seres humanos ou com o mundo transcendente como um todo⁵¹. Essa busca não é apenas uma aspiração, mas uma necessidade existencial que se manifesta na vivência dos valores, que, por sua vez, iluminam o caminho da realização pessoal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ao findar esse estudo, conclui-se que as obras de Edith Stein oferecem ricas reflexões sobre a vida humana e suas particularidades, sem reduzir e relativizar as vivências próprias do ser humano, desde a alegria à tristeza, do frescor ao cansaço, da felicidade ao sofrimento, entre outras. Da causalidade psíquica à motivação, encontrou-se a liberdade advinda do reino do espírito como característica «propriamente humana»⁵² e fundamental para a busca e a realização do sentido da vida através da captação e adesão aos valores. Nesse sentido, a afetividade, mediada pela razão e pela intencionalidade, permite ao indivíduo não apenas apreender os valores, mas também integrá-los em sua vida, promovendo uma existência que é ao mesmo tempo autêntica e significativa. Através dessa lente, a filosofia de Stein se torna uma ferramenta poderosa para

⁵⁰ Frankl, *Em busca de sentido*, 137.

⁵¹ Stein, «Acto y Potencia»; Stein, «Sobre el problema de la empatía».

⁵² Stein, *La Estructura de la Persona Humana*.

compreender a complexidade da experiência humana e a busca incessante por um sentido que transcende a individualidade.

Em suas investigações sobre a causalidade psíquica, motivação e sentido da vida, Stein, ao adotar uma abordagem fenomenológica, busca elucidar a complexidade da subjetividade e a estrutura da pessoa humana, enfatizando a inter-relação entre os aspectos psíquicos e espirituais por meio das análises e descrições que buscam o originário das vivências. Tais análises e descrições revelam que a compreensão da causalidade psíquica não se limita a uma mera descrição dos processos mentais, tão valorizado pelo psicologismo, mas se estende à investigação das motivações que impulsionam as ações humanas e à busca por um sentido que transcende a existência à medida em que oferece meios de transformar os sofrimentos em um tipo de heroísmo trágico por ser vivido com sentido. A isto, deve ficar bem entendido que a apreensão de um valor não apenas suscita sentimentos, mas também orienta a tomada de decisões, estabelecendo uma conexão intrínseca entre a esfera psíquica e a motivação.

A busca pelo sentido da vida, um tema central na filosofia contemporânea, é abordada por Stein de maneira a integrar a dimensão psíquica com a espiritual. A autora propõe que a vivência de valores significativos é essencial para a revitalização do ânimo e para a superação de estados de desmotivação e esgotamento. A falta de conexão com esses valores pode levar a um estado de sofrimento existencial, ao que Frankl denominou «vazio existencial» evidenciando a importância de uma reflexão contínua sobre o que significa ser humano e viver uma vida plena de sentido.

Além disso, a obra de Stein destaca a relevância da fenomenologia como método de investigação, permitindo uma análise mais rica e profunda das experiências humanas. Através de uma abordagem qualitativa, Stein convida os estudiosos a revisitar as definições e conceitos que fundamentam a psicologia contemporânea e demais ciências que buscam descrever e/ou analisar a pessoa humana, propondo uma integração entre a filosofia e, sobretudo, a práxis psicológica. Essa integração é fundamental para a construção de uma epistemologia que reconheça a complexidade da experiência humana e a necessidade de um entendimento integral da pessoa.

Posto que segundo Frankl:

O ser humano não é uma coisa entre outras; coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, se determina a si mesmo. Aquilo que ele se torna - dentro dos limites dos seus dons e do meio ambiente - é ele que faz de si mesmo⁵³.

E nesse mesmo sentido:

Nossa geração é realista porque chegamos a conhecer o ser humano como ele de fato é. Afinal, ele é aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-nosso ou o Shemá Yisrael⁵⁴.

Por fim, certo de que toda vida humana é digna e permeada de sentido por si só, o vazio existencial mais se justifica pela falta de consciência das vivências do que pela falta de motivações que sejam capazes de originar ou restaurar a força vital. Por isso, quanto mais consciência e intencionalidade valorativa, mais possível será a busca, o encontro e a realização do sentido na vida, ainda que em meio aos sofrimentos.

⁵³ Frankl, *Em busca de sentido*, 155.

⁵⁴ *Ibid.*